

# A emergência do agora

## *The Emergency of Now*

**Bárbara Breder Machado**

Com muita satisfação e trabalho, temos a alegria em lançar mais um número da revista ECOS – estudos contemporâneos da subjetividade. Nesta edição, apresentamos artigos que versam sobre temas sociais, que produzem uma inclinação dialógica entre produção acadêmica, intervenção e reflexões sobre temas urgentes da atualidade.

Abrimos este volume com o ensaio “Acerca do chatGPT” a fim de maximizar as reflexões inquietantes sobre a inteligência artificial e a obsolescência humana gerada pela eficiência dos computadores. Através da leitura de Guattari, Roque Lamenza Júnior nos convoca e provoca pensar sobre o impacto das subjetividades neoliberais, do empreendedorismo, da individualidade massificada na retração das construções coletivas.

Na sequência da sessão, “O que é ser contemporâneo hoje?”, apresentamos o ensaio “Criminalizar a misoginia, por quê?” com a importante questão da violência de gênero e suas possibilidades de enfrentamento. Flávia Mendes Ferreira e Gisele Maria Ribeiro de Almeida levantam questões referentes à proposta de criminalização da misoginia, apoiadas nos números aterrorizantes de feminicídio. E, na explosiva relação entre a nova direita, o uso das redes sociais por grupos autoritários e antidemocráticos, que ao fomentar discurso de ódio fazem inflar o aumento da violência contra as mulheres.

Ao passo que na entrevista realizada por Vivian Alves de Assis e Mariele Troiano, em “Misoginia: Quando a saída não é pela via da criminalização – Uma conversa com a vereadora feminista Luciana Boiteux”, apresentam uma análise sobre a questão, a partir da abordagem abolicionista e antipunitivista. Longe de encontrarmos um direcionamento único e conclusivo a esta questão, temos como objetivo (ao publicar no mesmo número estes dois trabalhos) apresentar a complexidade posta no cenário da violência contra a mulher, bem como nas estratégias de seu enfrentamento.

E, desta forma, fomentar o debate de ideias e o diálogo para o fortalecimento do feminismo, em suas diferentes vertentes. Nosso intuito, portanto, é produzir um painel argumentativo em torno desta importante, urgente e inquietante questão.

O tema sobre o feminismo segue, na perspectiva decolonial como o referencial teórico do artigo “E a ama de leite cumé que fica?: problematizando imagens de controle”, nele Rafaela Massuia Vaz e Flávia Fernandes se dedicam a explorar as imagens das mulheres negras construídas na sociedade brasileira no século XVIII e meados do século XIX, que marcam as representações racistas atuais. A partir da articulação de análise interseccionais sobre os processos de produção da subjetividade, as autoras traçam uma importante correlação entre as amas de leite do período colonial e as reverberações na representação social das babás nos dias de hoje, refletindo sobre as estratégias de controle das mulheres negras na sociedade.

**Bárbara Breder Machado**  
**Universidade Federal Fluminense**

Professora do Departamento de Psicologia UFF/ESR.  
Coordenadora do Laboratório de Psicanálise, Política, Cultura e Estudos de Gênero - PPCEG/UFF. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Saúde Mental UFF/ISNF. Doutora em Ciência Política - PPGCP/UFF.

[barbarabreder@id.uff.br](mailto:barbarabreder@id.uff.br)

O racismo também é tema do artigo “los afrodescendientes en el Perú: de la visibilidad cero a la narración del primera persona”, que parte da constatação do silenciamento da narrativa dos afrodescendentes no Peru, e a importância da representação social para o enfrentamento desta questão. Eduardo Huarag Álvarez dedica-se ao estudo da representação de pessoas negras a partir da análise da novela de Charún Illescas. Observa o deslocamento do que classifica como uma invisibilidade zero: pessoa sem nome e na condição de escravizados, até, progressivamente, a tomada de lugar como personagens protagonistas e narrador personagem, a partir de sua própria perspectiva.

No artigo, “Dispositivo grupal com mulheres”, Camila dos Santos Leonardo e outros autores apresentam dados de uma pesquisa que levantou estratégias metodológicas utilizada em grupos de mulheres em contexto periférico. Pela perspectiva da Pesquisa-Intervenção, norteadas pela psicologia social, no viés transdisciplinar sobre violência, exclusão social, subjetivação e discussões interseccionais, nos brindam com este relato da possibilidade de acolhimento grupal e enfrentamento da condição de vulnerabilização.

O ataque ao campo da saúde mental, através das ofensivas conservadoras, que provocaram mudanças político-legais e assistenciais no âmbito da política pública de Saúde Mental no Brasil é o tema do artigo “A nova política de saúde mental em tempos de ofensivas contrarreformistas no município de Campos dos Goytacazes”. Nívea Maria dos Santos P.Borges, Renata Maldonado da Silva e Carlos Abrãao Moura Valpassos dedicam-se a análise das consequências destas mudanças, fruto da influência do neoliberalismo para a Rede de Atenção Psicossocial em Campos.

O tema da saúde mental é destaque no artigo “Ruralidade e saúde mental. Revisão de literatura” de Ronney Borges de Oliveira e Vanessa Santa Rosa Mazzei. Os autores debatem este tema no contexto da ruralidade e dedicam-se a reunir recomendações que podem contribuir para as políticas públicas, prática e produção científica, neste cenário.

A vertente das políticas públicas também está presente no artigo “Prática de ensino na comunidade: entrelaços de construções teóricas e atividade em território na formação em saúde”. Outros autores dissertam sobre a importante correlação entre o processo de ensino-aprendizagem, através de práticas no território. A experiência, relatada na Universidade Federal de Sergipe, nos ensina sobre a imersão coletiva no território, através da inserção de discentes em atividades de campo na rede da Atenção Primária à Saúde. E, nos inspira, ao promover uma educação problematizadora, de princípios e diretrizes do SUS e de afirmação de direitos sociais.

Em “Notas sobre VI congresso Interamericano de Psicologia (CIP) da Sociedade Interamericana de Psicologia (SIP) no Brasil de 1959” escrito por Angelita Xavier e outros autores, acompanhamos o registro deste evento acadêmico, que antecedeu a regulamentação da Psicologia no Brasil em 1962. O trabalho dedica-se ao mapeamento dos eixos temáticos e personalidades importantes para a consolidação do campo da psicologia no Brasil, sendo, portanto, um importante registro histórico.

O artigo “Brasil como epicentro mundial da COVID-19: Estudo de representações sociais” de autoria de Adriano da Silva Rozendo, Andréia Isabel Giacomozzi e Flávia Gizzi, analisa o material das redes sociais sobre a pandemia no país. E apresenta uma importante análise sobre a letalidade das declarações do ex-presidente da república, Jair Bolsonaro e elementos ideológicos da extrema-direita ao impactar no avanço do negacionismo em relação a doença no Brasil.

A pandemia também é tema do artigo “Linguagem, alteridade e pandemia” no qual, a partir da psicanálise e da filosofia discorre-se sobre os processos de subjetivação frente a incidência do novo-coronavírus e as medidas de proteção e isolamento deste período. Marcus André Vieira e Carina de Mello Souza dos Santos nos levam a refletir sobre este contexto e o fomento de uma conjuntura de exclusão da alteridade, promovendo a emergência de mecanismos paranoides no âmbito social.

Neste sentido, longe de ser um tema que ficou no passado, datado no tempo, nos parece que a pandemia e suas sequelas estão presentes em 2023, atravessando nosso modo de estar no mundo, nossas relações e o contexto da saúde mental. E, por isso, ambos os artigos agregam inestimável valor a esta edição. Dado que nos parece ser importante olhar de frente as sequelas deste período de isolamento social que trouxe severos impactos subjetivos e em escala mundial.

Por isso, nos parece necessário e imprescindível seguir na elaboração sobre este tempo traumático. No sentido freudiano, de convocar a elaboração (aqui também coletiva) de eventos passados, para que não repetirmos no futuro esta situação extrema que estivemos postos, e que parece já tão distante para nós. Ou como nos adverte Marx que a história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa.

Neste sentido, espero que possamos com nossa contribuição, fazer circular estes importantes textos (que compõem esta edição) de forma democrática, ampliando o acesso de forma gratuita, para autores e leitores. A fim de que como estratégia política a difusão do conhecimento, academicamente referenciado, seja enfrentamento destes tempos. Este número dedica-se a leitura/elaboração do passado: através de temas como inteligência artificial, misoginia, cuidado a mulheres em situação de violência e periferizadas, formação alinhada ao compromisso social, combate ao racismo, enfrentamento da lógica manicomial, resgate da história do campo da psicologia, consequências do negacionismo e impacto da pandemia. E visa à contribuição para um futuro outro, movido pela utopia ativa, que nos anima a caminhar e a seguir, animados pela construção coletiva desta revista.

Desejo a todes, todas e todos, uma excelente leitura/elaboração.

Bárbara Breder Machado.